

## Entrevista com Tânia Bessone

**Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira** é doutora em História Social, na Universidade de São Paulo (1994), mestre em História pela Universidade Federal Fluminense (1983) e graduada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1973). É professora Associada e procientista da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Foi pesquisadora principal no Projeto Pronex coordenado pelo professor José Murilo de Carvalho (UFRJ), e vinculado ao Centro de Estudos do Oitocentos (até 2011). É bolsista da Fundação Carlos Chagas de Pesquisa (FAPERJ) desde 2010, como Cientista de Nosso Estado, e também foi pesquisadora principal do projeto Pronex/Faperj/CNPq, coordenado pela professora Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves (UERJ) denominado "O Estado brasileiro no século XIX: interseções e margens", também é pesquisadora principal no recente projeto Pronex aprovado pela Faperj (2016) sob a coordenação de Lúcia Bastos Pereira das Neves (UERJ). É sócia Honorária do IHGB, desde dezembro de 2012. Sua produção se concentra no período do Brasil Império, atuando principalmente nos seguintes recortes temáticos: história cultural, história política, relações culturais e história do livro e da leitura.

Entrevista concedida via Skype a **Thayná Cavalcanti Peixoto** e **Flávia Gomes Chagas**, doutoranda e mestranda, respectivamente, da linha de História Social da Cultura do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG.

**[Revista Temporalidades]:** Desde a chamada renovação historiográfica, ocorrida nos anos de 1970, em que variadas fontes começaram a ganhar um novo olhar dos historiadores, como você identifica o impacto dessas novas perspectivas nos estudos da cultura impressa? Diante do atual cenário brasileiro, em que somos bombardeados pelas chamadas *fake news* e recorrentes falsificações históricas, como você enxerga a importância do entrecruzamento de fontes para a construção de um estudo histórico empiricamente mais sólido?

**[Tânia Bessone]:** Na verdade, todas essas conexões são importantes para o historiador no geral. O que acontece é que a cultura impressa tem uma tradição, de checagem, digamos assim, que permite ao historiador, por exemplo, fazer várias questões e ao mesmo tempo se debruçar sobre a qualidade, validade e origem daquela fonte impressa. Então, desde os momentos em que, na história, foram incorporadas as questões das análises internas e externas do documento para que ele fosse considerado válido, de qualidade e legítimo, que o historiador se debate exatamente

sobre essas dificuldades. Ao mesmo tempo, era muito mais fácil se ter um arquivo vivo, material, palpável; e, a partir daquilo, fazer toda a trajetória de como aquela documentação chegou ali, por que chegou, quem catalogou, quem não catalogou e tudo isso ajudou muito ao historiador checar, fazer análises paleográficas ou de qualquer tipo. Com a internet e todos esses meios digitais novos essa questão ficou padronizada excessivamente, no sentido que a checagem é algo muito mais complexo e vulnerável, a hackers, a interpretações, interpolações e isso tudo vai gerar aquilo que estamos chamando genericamente de “fake news”. Então, a checagem disso é muito sofisticada, porque você tem que dominar não só a qualidade do texto, a parte de utilização da linguagem – quem é que está falando ali, quem é que está imitando a voz do outro –, de modo que se chega a pensar que, por exemplo, outro dia eu estava escutando no rádio aquele ator imitando o Bolsonaro e eu achei que era o Bolsonaro falando, e depois que acabou que percebi que não era! Porque o Bolsonaro é tão rasteiro, no sentido da linguagem dele e os tiques dele foram capturados de maneira tão brilhante pelo humorista que isso pode ser um fator de enganação, um fator de surpresa que aquela pessoa esteja dando aquela entrevista ou falando aquelas bobagens todas. Mas, ao mesmo tempo, você tem certa credibilidade porque você conhece a personalidade da pessoa, sabe o que ela já falou e tudo mais, e, aquilo vai atrapalhar. Então, isso vai atrapalhar a questão da checagem, a história oral, a própria questão da interpretação das notícias, e o historiador tem que se debruçar sobre isso. Por isso que é tão importante, hoje em dia, e isso é mais complicado para nós mais velhos, que o historiador tenha também, pelo menos um domínio básico dos meios digitais, da internet, para que ele faça isso. Ele pode, por exemplo, fazer uso de fontes credíveis, como a hemeroteca da BN, hemeroteca de França, hemeroteca da biblioteca de Portugal, enfim, ele tem fontes credíveis que ele pode checar, são confiáveis, pode pedir inclusive para imprimir, ou receber em casa suas pesquisas. Mas há fontes que teoricamente seriam credíveis, mas você depois se depara que eram de um site falso, construído por robô era a voz de robôs, e tudo o mais e muitas vezes você não tem condição de saber daquilo de um ponto de vista técnico. Por exemplo, a *deep web*, a internet profunda, a internet de pessoas que, muitas vezes, fazem checagens e distribuem notícias e dão grandes golpes, inclusive, através desse tipo de recurso. E eu jamais teria capacidade técnica de fazer essa checagem. Então o historiador hoje em dia tem que se envolver com uma série de outros personagens, uma série de outros estudiosos com uma série de outras pessoas técnicas, inclusive, que possam dar a ele essas ferramentas de checagem. A fonte impressa, como fonte

impressa, ela tem já uma história bastante longa - desde Mabillon – de formas de checar, formas literárias de atribuição e tudo mais. Isso é o grande desafio atualmente, criar formas de fazer com que essas novidades todas possam ser qualificadas, estudadas, analisadas pelos historiadores, cientistas sociais, pelas ciências humanas em geral.

**[RT]: Pensando no tema do nosso Dossiê, no qual atrelamos cultura material à impressa para se pensar o fazer histórico, como você enxerga a análise e o acréscimo da perspectiva da materialidade para se compreender os impressos, mas sem perder de vista as especificidades da fonte impressa em si?**

**[TB]:** Isso é um desdobramento do que eu falava anteriormente. Os meios de arquivar, por exemplo. Eu trabalho com o pessoal do COARQ, CONEARQ, já fiz vários estudos com o pessoal do Arquivo Nacional a respeito de fontes documentais que a gente selecionou e sistematizou. Essa forma de trabalhar faz com que várias pessoas, vários interlocutores se reúnam e definam os critérios de arquivar, de acessar, selecionar e que isso seja bastante trabalhado nesse sentido, porque já há uma estrutura formal científica e técnica de fazê-lo. Isso vai se deparar novamente com essa questão da informatização, quer dizer, é material porque é físico de alguma forma e ao mesmo tempo é aparentemente imaterial, à medida que você não pega, a não ser que você imprima e cada vez mais as pessoas falam não imprima, economize papel, poupe a natureza, etc., etc. Então a cultura material e a cultura imaterial no impresso elas tem o tempo todo, seja anteriormente a existência da *web*, ou agora, ela de todo modo tem que estar dialogando ela não existe separadamente no sentido que uma prescinde da outra; as duas tem que estar andando em paralelo e cabe às pessoas que estão envolvidas nesse tipo de estudo, nesse tipo de reflexão, ficar atentas e sempre cientes dessa dificuldade, dessa limitação que há, mas já se permite ter formas de distinguir essas análises. Não sei se respondi.

**[RT]:** Respondeu! Uma está casada com a outra. Mas é que pensamos nessa questão porque muitos historiadores pegam o impresso e vão muito pelo discurso, pelo o que está no jornal ou no livro e se esquecem de pensar no formato, no tipo de papel, na materialidade propriamente falando. Mas, achamos que você respondeu muito bem, e que antes de qualquer coisa o material

já está atrelado ao impresso desde os seus primórdios e quem estuda cultura impressa tem que está.

**[TB]:** Atento a todas as culturas. Talvez isso seja o interessante do *boom* que houve depois dos estudos do Daniel Roche, do Chartier, enfim, dos estudos que vem sendo desenvolvidos por essa linha de historiadores que inovou completamente os estudos da cultura impressa. Nesse sentido que as questões se desdobram muito, você tem que pensar em formato, em estilo, em mancha de página, no design, pensar em todas essas questões para poder identificar com qualidade a materialidade daquela fonte. Por exemplo, eu digo muito isso nas minhas aulas, mas quando a gente abre o computador, aquelas opções de letras todas, aquelas letras todas tem uma história, cada uma delas tem uma história, da *times new roman*, como ela foi atualizada, porque ela foi atualizada, porque o jornal *Times* no começo do século XX fez uma reforma e utilizou aquele recurso. O Aldo Manuzio, já no começo do século XVI/ XVII, já tinha começado a utilizar letras diferentes, formas diferentes nas suas publicações, então ele batizou o *New Roman*, que é o cursivo, o itálico, como esse nome, *New Roman*, ou *Roman* como alfabeto romano. E aí, a *Times* usou aquele modelo para ser o formato do jornal. Então o nome adquirido pela letra ultrapassou o limite do seu criador, que foi o Aldo Manuzio, e depois todo mundo fala “quando for publicar, publicar em *Colibri*, em *Times New Roman*” A própria denominação da letra dá um estudo enorme para *designer*, para historiador, para qualquer tipo de pessoa, porque ela tem uma riqueza própria.

**[RT]: A imprensa, ao longo da história, passou por transformações em termos de suporte físico, quando saiu da forma manuscrita para impressa, e do formato de papel para o mundo digital. Como lidar com essas transformações? Ainda é possível pensarmos nisso como cultura impressa?**

**[TB]:** Eu acho que pela concepção que está sendo criada pelo ponto de vista teórico metodológico, pelo ponto de vista da abordagem dessa documentação possível ela pode ser pensada como uma cultura impressa. Não pelo sentido da impressão de Gutenberg, mas no sentido que é uma *impressão* registrada em papel, em couro, em pergaminho, em pedra ou em qualquer tipo de material. Então se você pensar aquilo como uma invenção, e a imprensa também é uma invenção humana você pensa que todo esse processo em que ela evoluiu tecnicamente, então, a mudança dela é de material, mudança física, nesse sentido você pode

colocar tudo o que foi registrado, digamos assim, como o estudo do impresso. Não só o impresso de impressão da prensa, mas o impresso que é uma atitude da cultura humana de registrar de escrever, de botar no papel ou qualquer suporte. Então, eu acho que sim, por isso a denominação está mudando e agora falamos mais em “história dos impressos” que aí você coloca correspondências, gazetas, notícias, registros em grandes códices, histórias, diários, você coloca tudo junto e factível de ser estudado. Eu acho que a denominação melhor que estamos se encaminhando para de maior consistência e que abrange melhor a pluralidade da cultura impressa e da cultura material, é a “história do impresso”, ou dos impressos, por que aí a gente extrapola a condição de ser a partir de [determinado momento], depois dos encadernados. É a minha visão hoje, porque já passei por textos meus que eu falo com outros tipos de denominação, mas, a partir do momento que você vai se aprofundando e vai tendo interlocutores que falem para você, mostrem para você como ela é rica e transborda qualquer questão específica de época, você pode denominar assim. Essa é minha impressão.